

EDITH HAHN BEER  
com SUSAN DWORKIN

**A MULHER  
DO OFICIAL NAZI**

Tradução de  
Paulo Mendes

alma  
dos livros

info@almadoslivros.pt  
www.almadoslivros.pt  
facebook.com/almadoslivrospt  
instagram.com/almadoslivros.pt

The Nazi Officer's Wife © 1999 por Edith Hahn Beer

© 2018

Direitos desta edição reservados  
para Alma dos Livros

Título: *A Mulher do Oficial Nazi*

Título original: *The Nazi Officer's Wife*

Autoria: Edith Hahn Beer com Susan Dworkin

Tradução: Paulo Mendes

Revisão: Paulina Amaral

Paginação: Miguel Antunes

Arranjo de capa: Duarte Lázaro/ Alma dos Livros

Ilustração de capa: Alejandro Colucci

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-99933-5-8

Depósito legal: 437 065/18

1.<sup>a</sup> edição: março de 2018

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada  
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão  
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções  
devidamente previstas na Lei.

*Dedicado com carinho à memória da minha mãe,  
Klothilde Hahn*



## PREFÁCIO

A história que se segue esteve enterrada propositadamente durante muito tempo. À semelhança de um sem-número de pessoas que sobrevivem a uma grande calamidade, e em que inúmeras outras perdem a vida, não contei que vivi tal como um *U-Boat* (submarino) – uma fugitiva da Gestapo que viveu sob falsa identidade nas profundezas da sociedade nazi alemã –, mas que optou por se esquecer do máximo possível e não sobrecarregar as gerações mais jovens com memórias tristes. Foi a minha filha, a Angela, quem me instou a contar a história, a deixar um registo escrito, para que o mundo yomasse conhecimento.

Em 1997, decidi leiloar o meu arquivo de cartas, fotografias e documentos da época da guerra. O arquivo foi adquirido na Sotheby's de Londres por dois amigos de longa data que se dedicam afincadamente à filantropia da História – Drew Lewis e Dalck Feith. A sua intenção era doá-lo ao Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, em Washington, D.C., onde se encontra atualmente. Sinto-me extremamente grata aos dois pela sua generosidade e consideração. Os documentos daquele arquivo ajudaram a resgatar muitas memórias. Agradeço à minha colaboradora, Susan Dworkin, pela sua simpatia e compreensão no processo de me ajudar a transmiti-las.

Sinceros agradecimentos a Nina Sasportas de Colónia cuja investigação pormenorizada permitiu ampliar as minhas memórias, bem como a Elizabeth LeVangia Uppenbrink de Nova Iorque, que traduziu todos os documentos e cartas para inglês acessível e idiomático. Também agradeço muito a Nicholas Kolarz, a Robert Levine, a Suzanne Braun Levine, ao nosso editor, Colin Dickerman, bem como à sua sócia, Karen Murphy, e ao nosso editor Rob Weisbach – todos se revelaram críticos e companheiros preciosos que contribuíram com dádivas de espírito, energia e sabedoria.

Por fim, esta obra deve tudo à Angela Schlüter, a minha filha, pois foi o espírito carinhoso da sua curiosidade, a sua necessidade de saber e a sua demanda pelo passado estranho e milagroso que me inspiraram a contar finalmente esta história.

EDITH HAHN BEER  
NETANYA, ISRAEL



## Capítulo Um

# UMA PEQUENA VOZ

**P**assado algum tempo, já não havia cebolas. As minhas colegas enfermeiras da Cruz Vermelha no Städtische Krankenhaus, o hospital central de Brandeburgo, disseram que era porque o Führer precisava de cebolas para fazer gás asfixiante destinado a conquistar os nossos inimigos. No entanto, creio que nessa altura (estávamos em maio de 1943) muitos cidadãos do Terceiro Reich teriam de bom grado abdicado do prazer de gasear o inimigo para poderem sentir o gosto de uma cebola.

Na época, eu trabalhava na enfermaria dos empregados estrangeiros e prisioneiros de guerra. Fazia chá para todos os doentes e levava-o num pequeno carrinho, enquanto tentava sorrir e lhes desejar um «*Guten Tag*» entusiástico.

Um dia, quando trazia as chávenas de chá de volta para a cozinha, dei com uma das enfermeiras mais antigas a picar uma cebola. Ela era casada com um oficial e vinha de Hamburgo. Creio que se chamava Hilde. Disse-me que a cebola era para o seu almoço. Os olhos dela perscrutaram o meu rosto para determinar se eu sabia que estava a mentir.

Tornei o meu olhar vago, sorri o meu sorrisinho de tola e fui lavar as chávenas de chá, como se não fizesse ideia de que aquela enfermeira comprara a sua cebola no mercado negro só para a servir a um prisioneiro russo gravemente ferido, proporcionando-lhe um prazer por que ansiava nos seus derradeiros dias. Ambos os gestos – tanto comprar a cebola quanto fazer amizade com o russo – poderiam fazer com que acabasse na prisão.

À semelhança da maioria dos alemães que desafiavam as leis de Hitler, aquela enfermeira de Hamburgo era uma rara exceção. Normalmente, as funcionárias do nosso hospital roubavam a comida destinada aos doentes estrangeiros e levavam-na para casa, para os familiares, ou comiam-na elas. Há que ter em conta que aquelas enfermeiras não eram mulheres cultas, oriundas de casas progressistas, para quem tratar de doentes fosse um ofício sagrado. Na sua maioria, eram jovens camponesas da Prússia Oriental, destinadas ao trabalho longo e esforçado nas quintas e nos celeiros, para quem a enfermagem era uma das poucas escapatórias aceitáveis. Tinham sido criadas na época nazi com propaganda nazi. Acreditavam mesmo que, enquanto «arianas» nórdicas, pertenciam a uma raça superior. Consideravam que aqueles russos, franceses, holandeses, belgas e polacos que chegavam à clínica delas tinham vindo ao mundo para as servir. Roubar um prato de sopa a criaturas tão desprezíveis não parecia pecado, mas sim uma atividade perfeitamente legítima.

Creio que devíamos ter mais de dez mil prisioneiros estrangeiros em Brandeburgo a trabalhar na fábrica de automóveis Opel e na fábrica de aeronaves Arado, entre outras. A maioria dos que víamos no hospital tinha sido ferida em acidentes industriais. Enquanto erguiam a economia do Reich, esmagavam as mãos em prensas de metal, queimavam-se em forjas ardentes, salpicavam-se com químicos corrosivos... Era uma população de escravos, conquistados e indefesos, retirados aos pais, às mulheres e aos filhos, longe de casa. Não me atrevia a olhar para o rosto deles, com receio de me ver a mim mesma – o meu terror, a minha solidão.

No nosso hospital de pequenas casas, cada serviço estava alojado num edifício independente. Nós, as enfermeiras, comíamos num edifício, lavávamos a roupa noutro, tratávamos os casos de ortopedia noutro, e as doenças infecciosas noutro ainda. Os prisioneiros estrangeiros estavam rigorosamente separados dos pacientes alemães, independentemente do seu problema. Ouvimos dizer que, a determinada altura, havia todo um edifício dedicado aos estrangeiros que sofriam de tifo, uma doença que tem origem em água contaminada. Para raparigas simples como nós, era impossível entender como poderiam ter contraído uma doença daquelas na nossa bela cidade histórica – que inspirara concertos imortais, onde a água era límpida e a comida



cuidadosamente racionada e inspecionada pelo nosso Governo. Muitas das minhas colegas presumiam que os estrangeiros tinham sido responsáveis pelos seus problemas, devido à sua falta de higiene pessoal. As enfermeiras conseguiam não admitir a si mesmas que a doença provinha das condições deploráveis em que os trabalhadores escravos eram forçados a viver.

Chamo a atenção para o facto de que não era mesmo enfermeira, mas apenas uma auxiliar de enfermagem, treinada meramente para tarefas básicas. Alimentava os pacientes que não tinham essa capacidade e limpava as mesas de cabeceira. Lavava as arrastadeiras. No meu primeiro dia de trabalho, lavei vinte e sete arrastadeiras – no lava-loiças, como se fossem pratos de refeição. Usava luvas de borracha. Não eram descartáveis como as luvas brancas e finas que vemos atualmente. As nossas eram pesadas, duráveis, reutilizáveis. Tinha de pôr pó de talco no seu interior. Por vezes, preparava uma pomada negra, aplicava-a numa ligadura e fazia compressas para aliviar dores reumáticas. Mais nada. Não podia fazer nada mais medicinal do que isso.

Certo dia, pediram-me para ajudar numa transfusão de sangue. Estavam a retirar sangue a um doente para uma bacia e depois aspiravam-no da bacia para as veias de outro paciente. O meu papel era mexer o sangue para impedir que coagulasse. Fiquei enjoada e saí a correr da sala. Eles pensaram: «Bem, a Grete é apenas uma jovem tola de Viena, quase sem educação, é pouco mais do que uma empregada da limpeza – que podemos esperar dela? Ela que alimente os estrangeiros que cortaram os dedos nas máquinas.»

Rezava para que ninguém morresse no meu turno. Devem ter-me ouvido no Céu, porque os prisioneiros esperavam que terminasse o meu turno, e só *depois* faleciam.

Tentei ser simpática com eles. Tentei falar francês com os franceses, a fim de mitigar as suas saudades. Talvez tenha sorrido demasiado, pois, numa manhã de agosto, a minha enfermeira-chefe disse-me que tinha sido vista a ser demasiado afetuosa com os estrangeiros, pelo que seria transferida para o serviço de maternidade.

Havia informadores em todo o lado. Foi por isso que a enfermeira que estava a preparar a cebola proibida para o paciente russo teve tanto medo de mim, até de mim, a Margarethe, a quem chamavam

«Grete» como diminutivo. Uma auxiliar de enfermagem austríaca de vinte anos, pouco instruída. Até *eu* podia estar a trabalhar para a Gestapo ou para a SS.

No início do outono de 1943, pouco depois de ser transferida para o serviço de maternidade, apareceu um industrial importante numa ambulância, na qual viajara desde Berlim. Sofrera um AVC. Precisava de paz e sossego, bem como de terapia contínua. Os Aliados bombardeavam Berlim desde janeiro, pelo que os familiares e os amigos acharam que recuperaria com mais celeridade em Brandeburgo, onde não caíam bombas e os funcionários não estavam rodeados de emergências. Aí, poderia contar com mais atenção pessoal. Talvez por ser a mais nova e menos competente (e por não precisarem muito de mim noutra parte), fui retirada aos bebês e destacada para cuidar dele.

Não era um trabalho muito agradável. Ele estava parcialmente paralisado e tinha de ser levado à casa de banho, precisava que lhe levassem a comida à boca, que lhe dessem banho e o virassem constantemente. Além disso, o seu corpo flácido e incapacitado tinha de ser massajado.

Não falei muito do meu novo paciente ao Werner, o meu namorado, porque achei que isso poderia inflamar a sua ambição e que começaria a pressionar-me com as vantagens que poderíamos obter com a minha proximidade a tão importante personagem. O Werner estava sempre à procura de vantagens. A experiência ensinara-lhe que a progressão do Reich não ocorria devido ao talento nem às capacidades, mas graças às relações: amigos em lugares influentes, familiares poderosos. Ele era pintor, imaginativo e bastante talentoso. Antes do regime nazi, os seus dotes só lhe haviam granjeado o desemprego e a indigência. Chegara a dormir na floresta, à chuva. Porém, depois vieram tempos melhores. Aderiu ao Partido Nazi e tornou-se supervisor de uma secção de pintura na fábrica de aviões Arado, responsável por muitos trabalhadores estrangeiros. Brevemente, seria oficial da *Wehrmacht* e meu marido dedicado. No entanto, não sossegara – ainda não, não o Werner. Estava sempre à procura de algo mais, de um esquema, uma forma de ascender a um cargo em que pudesse finalmente receber as recompensas de que se considerava merecedor. Devido à sua

inquieta e impulsiva, sonhava com o sucesso. Se lhe contasse tudo sobre o meu paciente importante, poderia sonhar demasiado. Por isso, contei-lhe apenas o mínimo, nada mais.

Quando o meu doente recebeu flores do próprio Albert Speer, o ministro do Armamento e da Produção de Guerra, percebi o motivo de as outras enfermeiras estarem tão prontas a ceder-me aquele trabalho. Era arriscado tratar de dignitários do partido. Deixar cair uma arrastadeira, entornar um copo de água, tudo isso poderia ter consequências graves para nós. Então e se eu virasse o doente depressa de mais, se o lavasse com muita força, lhe desse sopa demasiado quente, ou fria, ou salgada? E, meu Deus, se ele tivesse outro AVC? Se ele *morresse* enquanto estava ao meu cuidado?

A tremer com tantas possibilidades de cometer erros, esforcei-me ao máximo por fazer tudo bem. Por isso, claro, o industrial achou que eu era maravilhosa.

– É uma excelente profissional, enfermeira Margarethe – disse, enquanto lhe dava banho. – Deve ter uma experiência considerável para alguém tão jovem.

– Ah, não, senhor – respondi na minha voz mais ténue. – Acabei de sair da escola. Só sei o que me ensinaram.

– E nunca tratou de uma vítima de AVC antes...

– Não, senhor.

– Impressionante.

A cada dia que passava, ele recuperava mais os movimentos e a sua voz tornava-se menos arrastada. Deve ter-se sentido motivado pela própria recuperação, pois estava muito bem-disposto.

– Diga-me, enfermeira Margarethe – perguntou-me enquanto lhe massajava os pés –, que pensam as pessoas daqui de Brandeburgo sobre a guerra?

– Ah, não sei.

– Mas deve ter ouvido alguma coisa... A opinião pública interessa-me. Que pensam as pessoas do racionamento da carne?

– É bastante satisfatório.

– Que pensam das notícias de Itália?

Deveria admitir que sabia dos desembarques dos Aliados? Atrever-me-ia? Ou *não*? – Todos acreditamos que os britânicos acabarão por ser derrotados.

– Conhece alguém que tenha o namorado a combater na Frente Ocidental? Que escrevem os soldados nas cartas que mandam para casa?

– Ah, os soldados não escrevem sobre a guerra, porque não nos querem preocupar, além de recearem revelar algum pormenor importante e pôr em perigos os camaradas, caso o inimigo capture o correio e o leia.

– Já ouviu dizer que os Russos são canibais? Ouviu dizer que comem crianças?

– Sim, senhor.

– E acredita?

Arrisquei:

– Algumas pessoas acreditam. Mas eu acho que, se os Russos comessem os seus bebés, não haveria tantos Russos como aparentemente há.

Ele riu. Tinha olhos calorosos, bem-dispostos e um porte amável. Até me fazia lembrar um pouco o meu avô, de quem cuidara durante anos, quando sofrera um AVC... Há tanto tempo, noutra vida. Comecei a descontraí-me perante o industrial importante e a baixar um pouco as minhas defesas.

– Que poderia o Führer fazer para agradecer ao seu povo, enfermeira? Que acha?

– O meu noivo diz que o Führer gosta da Alemanha como de uma mulher, que é por isso que não se casou e que tudo faria para sermos felizes. Assim, se pudesse falar com ele, talvez pudesse dizer ao Führer que ficaríamos muito, muito contentes se nos enviasse algumas cebolas.

O comentário divertiu-o muito. – Você é um bom remédio para mim, Margarethe. É direta e bondosa, a verdadeira alma da mulher alemã. Diga-me, o seu noivo está a combater na frente de batalha?

– Ainda não. Tem competências especiais, pelo que trabalha na preparação de aviões para a Luftwaffe.

– Ah, muito bem, muito bem – disse. – Os meus filhos também são bons jovens. Estão a sair-se muito bem nos dias que correm. – Mostrou-me uma fotografia dos filhos fardados, altos e bem-parecidos. Tinham ascendido muito no Partido Nazi e haviam-se tornado homens importantes. Ele estava muito orgulhoso deles.

– É fácil ser-se cardeal – declarei – quando o nosso primo é o Papa. Ele parou de se gabar e olhou-me demoradamente e com intensidade. – Vejo que não é uma rapariga assim tão simples – sentenciou. – Vejo que é uma mulher muito esperta. Onde estudou?

Senti que o estômago se comprimia. Fiquei com a garganta seca.

– É uma coisa que a minha avó costumava dizer – retorqui, voltando-o para lhe lavar as costas. – É um velho ditado da minha família.

– Quando voltar para Berlim, gostava que fosse comigo como minha enfermeira pessoal. Vou falar com os seus superiores.

– Ah, eu adorava, mas o meu noivo e eu estamos a planear casar-nos brevemente e, como entenderá, não posso sair de Brandeburgo. Não seria possível! Mas obrigada! Muito obrigada! Sinto-me honrada! Muito honrada!

O meu turno terminou. Desejei-lhe boa noite e saí do quarto dele, a tremer e insegura. Estava encharcada em suor. Disse à colega que chegou para me substituir, que era devido ao esforço de exercitar os membros pesados do meu doente. No entanto, a verdade era que quase revelara o meu disfarce. A menor indicação de perspicácia aprimorada (uma referência literária ou conhecimento histórico que nenhuma rapariga austríaca poderia aspirar a ter) era, para mim, uma circuncisão totalmente incriminatória.

Enquanto caminhava para casa, até ao complexo de apartamentos da Arado, no extremo oriental da cidade, onde vivia com o Werner, lembrei-me a mim mesma, pela milionésima vez, de que deveria ter mais cuidado e esconder todos os sinais de intelecto, manter o olhar vago e a boca calada.

Em outubro de 1943, os outros membros do contingente de enfermagem da Cruz Vermelha concederam-me uma grande honra. O município de Brandeburgo estava a planear um comício, e cada grupo de trabalhadores teria de mandar um representante. Por um motivo ou outro, nenhuma das enfermeiras mais antigas podia participar. Suspeito de que não tivessem vontade de celebrar, porque sabiam que as tropas alemãs se estavam a sair mal na Rússia, no Norte de África e em Itália (apesar de eu não fazer ideia de como teriam ouvido, visto que a rádio alemã não noticiava tudo e todos sabíamos que ouvir a *Rádio Moscovo*, a *BBC*, a *Voz da América* ou a *Beromiinster*

da Suíça era um ato criminoso equivalente a traição). Fui escolhida para representar o nosso grupo profissional nesse comício.

O Werner estava muito orgulhoso de mim. Imagino-o a gabar-se aos colegas na Arado:

– Não me admira que tenham escolhido a minha Grete! É uma verdadeira patriota! – Ele tinha muito sentido de humor, o meu Werner, e uma verdadeira predileção pelas pequenas ironias da vida.

Vesti-me cuidadosamente para o grande dia. Levei o meu uniforme de enfermeira da Cruz Vermelha. Penteei o meu cabelo liso castanho de forma simples e natural, sem travessões, caracóis ou brilhantina. Não usei maquilhagem nem joias, exceto um pequeno anel estreito de ouro com uma lasca minúscula de diamante, que me tinha sido oferecido pelo meu pai no meu décimo sexto aniversário. Eu era uma moça pequena, com pouco mais de metro e meio, e tinha muito boa figura nessa época. Porém, mantinha-a tapada com meias brancas largueironas e um avental disforme. Não era altura para uma pessoa como eu querer parecer muito atraente em público. Agradável, sim; aprimorada, sim. Mas, sobretudo, simples. Nada que chamasse a atenção.

O comício revelou-se muito diferente do que estávamos habituados. Não havia tambores a marcar ritmo nem marchas estridentes, nem belos jovens fardados a agitar bandeiras. Aquele comício tinha um propósito, nomeadamente, superar o clima derrotista que se começara a abater sobre a Alemanha desde o fiasco de Estalinegrado no inverno anterior. Heinrich Himmler fora nomeado ministro do Interior, em agosto, com o seguinte mandato: «Renovar a fé alemã na vitória!» Oradores sucessivos exortaram-nos a trabalhar cada vez mais arduamente para apoiar os nossos soldados corajosos, porque, se perdêssemos a guerra, a terrível pobreza que os alemães recordavam da era pré-nazi voltaria e perderíamos o emprego. Se estivéssemos fartos do nosso *Eintopf* da noite (o prato único em que Joseph Goebbels proclamara a dose de sacrifício pessoal adequada a uma nação envolvida numa «guerra total»), deveríamos recordar-nos de que após a vitória nos banquetearíamos como reis, com café verdadeiro e pão dourado feito com farinha branca e ovos inteiros. Disseram-nos que devíamos desenvolver todos os esforços ao nosso alcance para manter

a produtividade no local de trabalho, bem como denunciar alguma pessoa que suspeitássemos de ser desleal, sobretudo as que ouvissem a rádio inimiga e as notícias «extremamente exageradas» sobre as derrotas alemãs no Norte de África e em Itália.

– Meu Deus – pensei. – Estão preocupados.

Os «mestres do mundo» nazis começavam a tremer e a vacilar. Senti-me tonta, um pouco com falta de ar. Comecei a ouvir uma canção antiga na cabeça.

«Chiu», pensei. «Ainda é cedo para cantar. Chiu.»

Nessa noite, quando o Werner e eu ligámos a *BBC*, rezei para que as notícias das desventuras militares alemãs significassem um final precoce da guerra e, para mim, a libertação do cárcere do fingimento.

No entanto, não me atrevi a partilhar as minhas esperanças, nem com o Werner. Mantive a euforia secreta, a voz suave, a personalidade recatada. Invisibilidade. Silêncio. Eram estas as vestes que envergava, enquanto vivia como aquilo a que os sobreviventes do Holocausto chamam agora de um *U-boat*, uma fugitiva judia à máquina assassina nazi, escondida no cerne do Terceiro Reich.

Durante algum tempo, em anos posteriores, quando estava casada com o Fred Beer e vivia em segurança em Inglaterra, despi essas vestes do tempo de guerra. Contudo, agora que o Fred já faleceu e estou velha, incapaz de controlar o impacto das minhas memórias, voltei a envergar o hábito. Imagine que estou sentada consigo no meu café preferido na praça da cidade de Netanya, à beira-mar, no território de Israel, e um conhecido se detém para conversar e pergunta:

– Diga lá, *Giveret Beer*, como foi naquela altura, durante a guerra, viver na Alemanha com um membro do Partido Nazi, a fingir que era ariana, a esconder a sua verdadeira identidade, sempre com medo de ser desmascarada?

Respondo numa pequena voz que parece deslumbrada pela sua própria ignorância:

– Ah, não sei. Acho que já não me lembro.

O meu olhar desvia-se e perde a concentração, a minha voz torna-se sonhadora, hesitante, suave. É a minha voz daqueles dias em Brandeburgo, quando era uma estudante de Direito judia com 29

anos e estava na lista dos «Procurados» pela Gestapo, a fingir ser uma auxiliar de enfermagem ignorante com 21 anos.

Peço que me desculpe, quando ouvir esta pequena voz de então a desvanecer-se e a vacilar, terá de me recordar: «Edith! Fale mais alto! Conte a sua história!»

Já passou mais de meio século.

Creio que é o momento certo.



## Capítulo Dois

# OS HAHN DE VIENA

Quando andava na escola em Viena, tinha a impressão de que o mundo inteiro tinha vindo à minha cidade para se sentar nos cafés soalheiros e saborear café, bolos e conversas sem igual. No caminho a pé da escola, passava pela Ópera, pela bela Josefsplatz e pela Michaelerplatz. Brincava no Volksgarten e no Burggarten. Via senhoras distintas com chapéus elegantes e meias de seda, cavalheiros com bengalas e correntes douradas de relógio de bolso, operários rústicos de todas as províncias do antigo império de Habsburgo a rebocar e a pintar as nossas fachadas chiques com as suas mãos grossas, rudes e experientes. As lojas estavam cheias de frutos exóticos, cristais e sedas. Via invenções por todo o lado.

Um dia, esgueirei-me pelo meio de uma multidão e acabei a olhar para uma montra onde uma criada de uniforme estava a demonstrar algo chamado de «Hoover». Espalhou sujidade pelo chão, ligou a sua máquina e, como por magia, fez desaparecer o lixo. Guinchei de entusiasmo e saí a correr para ir contar aos meus colegas de escola.

Quando tinha dez anos, juntei-me a uma longa fila em frente aos escritórios de uma revista chamada *Die Bühne* (O Palco). Pouco depois, estava sentada a uma mesa com uma grande caixa castanha à frente. Uma senhora simpática pôs-me auscultadores na cabeça. A caixa ganhou vida. Uma voz. Uma música. Rádio.

Corri até ao restaurante do meu pai para contar à minha família. A minha irmã Mimi, apenas um ano mais nova do que eu, não quis saber minimamente. A bebé (a pequena Johanna, a quem chamávamos

Hansi) era demasiado jovem para perceber, e a minha mãe e o meu pai estavam demasiado ocupados para me ouvir. Contudo, sabia que tinha ouvido algo especial, a força do futuro, um deus vindouro. É preciso ter presente que a rádio era uma novidade em 1924. Imagine o poder que representava e a forma como as pessoas estavam à mercê das suas mensagens.

Referi com entusiasmo ao professor Spitzer, da Universidade Técnica, que era o meu cliente preferido dos habituais: «A pessoa que fala pode estar muito longe, professor! Mas a sua voz voa sobre o ar como um pássaro! Brevemente, poderemos ouvir a voz de pessoas de todo o lado!»

Lia avidamente os jornais e as revistas que o meu pai tinha para os clientes. O que me interessava mais eram as colunas jurídicas, com casos, argumentações e problemas de dar a volta à cabeça. Corria pela nossa «cidade da valsa», sempre à procura de alguém com quem falar do que lera e vira.

A escola era o meu deleite. Só havia raparigas na minha turma. O meu pai não acreditava em ensino misto. Ao contrário das minhas irmãs, adorava estudar e nunca achava as matérias difíceis.

Ensinavam-nos que os Franceses eram nossos inimigos, que os Italianos eram traidores, que a Áustria só tinha perdido a Primeira Guerra Mundial devido a uma «facada nas costas» (devo dizer que nunca tínhamos bem a certeza de quem desferira o golpe). Muitas vezes, os professores perguntavam-me que língua falávamos em casa. Era uma forma não muito subtil de averiguar se falávamos ídiche (que não falávamos) e se éramos, por conseguinte, judeus (que éramos).

Queriam saber. Tinham medo de que, com os nossos rostos tipicamente austríacos, conseguíssemos passar despercebidos. Não queriam ser enganados. Mesmo naquela altura, no decénio de 1920, queriam ser capazes de distinguir quem era judeu.

Um dia, o professor Spitzer perguntou ao meu pai que tencionava fazer com a minha educação no futuro. O meu pai disse que eu terminaria a escola e que seria aprendiz de costureira, como tinha sido a minha mãe.

«Mas você tem aqui uma rapariga muito inteligente, meu caro Herr Hahn», disse o professor. «Tem de a mandar para o liceu, talvez até para a universidade.»

O meu pai riu-se. Se eu fosse um rapaz, ter-se-ia endividado para me educar. Como era rapariga, nunca considerara essa hipótese. No entanto, uma vez que o distinto professor tinha puxado do assunto, o meu pai decidiu discuti-lo com a minha mãe.

O meu pai, Leopold Hahn, tinha um lindo bigode negro, cabelo preto encaracolado e uma personalidade divertida e expansiva, o que era muito apropriado para o dono de um restaurante. Era o mais novo de seis irmãos, pelo que, quando chegou a altura da sua educação, o dinheiro da família já se esgotara. Por conseguinte, estudou para empregado de mesa. Sei que é difícil de acreditar, mas, naquela época e naquele lugar, a formação de um empregado durava vários anos. As pessoas gostavam do meu pai. Confiavam nele, contavam-lhe as suas histórias. Era um ouvinte inspirado. Era esse o seu dom.

Ele era muito mais conhecedor da vida e sofisticado do que alguma vez esperou que viéssemos a ser. Tinha trabalhado na Riviera e nas termas checoslovacas de Carlsbad e Marienbad, onde passara algumas noites loucas. Combatera no Exército Austro-Húngaro na Primeira Guerra Mundial. Tinha sido ferido e capturado, mas evadira-se e voltara para junto de nós. O ferimento no ombro limitou-lhe os movimentos do braço. Não conseguia barbear-se.

O restaurante, em Kohlmarkt, no centro movimentado de Viena, era a vida do meu pai. Tinha um bar comprido e lustroso, bem como uma sala de refeições nas traseiras. Os clientes vinham todos os dias durante anos. O meu pai sabia o que queriam comer mesmo antes de pedirem. Mantinha os jornais preferidos deles. Proporcionava-lhes serviço e conforto, um mundo de pequenas atenções.

Vivíamos num apartamento de dois quartos num antigo palácio reconvertido, no número 29 de Argentinierstrasse, no Quarto Distrito de Viena. O nosso senhorio, da empresa Hapsburg-Lothringen, tinha sangue azul. Como a minha mãe trabalhava com o meu pai no restaurante sete dias por semana, nós, as raparigas, comíamos lá. Tínhamos empregadas que faziam as limpezas e tomavam conta de nós quando éramos pequenas.

A minha mãe, Klothilde, era bonita, baixa, curvilínea e atraente, mas não era coquete. Mantinha os seus cabelos longos totalmente negros. Tinha um ar paciente e pensativo, perdoava as pessoas pela sua

estupidez, suspirava muitas vezes e sabia quando devia ficar calada.

Eu dedicava todo o meu afeto à Hansi, a minha irmã bebé, sete anos mais nova do que eu. Para mim, parecia um querubim de uma das nossas catedrais barrocas, com bochechas gordas e rosadas, carnes deliciosas e caracóis ondeantes. Já da minha irmã Mimi não gostava. O sentimento era mútuo. Ela tinha má visão, óculos grossos, uma personalidade amarga – era má, tinha ciúmes de todos. A minha mãe, intimidada pela infelicidade da Mimi, dava-lhe tudo o que ela queria, presumindo que eu, a «despreocupada», me orientava sozinha. Como a Mimi não tinha amigos e eu era popular como o meu pai, tinha de partilhar os meus amigos com ela e levá-la para todo o lado.

O meu pai tomava conta de nós e protegia-nos de conhecermos o lado sórdido do mundo. Tomava decisões por nós, poupava para os nossos dotes. Em tempos de abundância, quando sentia alguma folga financeira, parava numa leiloeira a caminho de casa e comprava uma joia para fazer uma surpresa à minha mãe – um fio de ouro, brincos de âmbar. Ficava debruçado sobre um dos nossos cadeirões de pele à espera que ela abrisse o pacote, a saborear o entusiasmo da mulher, na antecipação do seu abraço. Ele adorava a minha mãe. Nunca discutiam. A sério – eles *nunca* discutiam. Ao serão, ela fazia a sua costura, ele lia o jornal e nós fazíamos os trabalhos de casa. Tínhamos o que os israelitas chamam *shalom bait*, paz no lar.

Creio que o meu pai sabia como ser judeu, mas não nos ensinou. Deve ter pensado que o absorveríamos com o leite materno.

Mandavam-nos ao *Judengottesdienst*, a cerimónia para crianças na sinagoga aos sábados à tarde. A criada devia levar-nos lá. Porém, ela era católica, como a maioria dos austríacos, e tinha medo da sinagoga. A minha mãe (uma mulher trabalhadora, dependente da criadagem) tinha medo da criada. Assim, raramente íamos e não aprendemos quase nada. No entanto, uma canção dessa época ficou-me na cabeça.

Um dia o Templo será reconstruído  
E os judeus regressarão a Jerusalém.  
Assim está escrito no Livro Sagrado.  
Assim está escrito. Aleluia!

Além do tema de fé – *Shema Yisrael. Adonai elobeynu. Adonai echod* –, esta canção infantil sobre o Templo era tudo o que eu sabia sobre orações e prática judaica.

Foi pena não saber mais.

Graças a Deus que sabia ao menos aquilo.

O restaurante do meu pai encerrava no Rosh Hashanah e no Iom Kippur (como em nossa casa, não servia porco nem marisco, mas de resto não era nada *kosher*). Nestes ilustres feriados, íamos à sinagoga, sobretudo para nos encontrarmos com familiares. A minha mãe e o meu pai eram parentes afastados, ambos de famílias de apelido Hahn. No conjunto das duas irmãs da minha mãe, do irmão dela e dos seis irmãos e três irmãs do meu pai, eu tinha mais de trinta primos Hahn em Viena. Era sempre possível encontrar um Hahn ou outro no terceiro café do Prater. Cada ramo da família praticava a religião judaica de forma diferente. Por exemplo, a tia Gisela Kirschenbaum (uma das irmãs do meu pai, que também tinha um restaurante) abria a casa aos pobres para uma refeição *seder* gratuita na Páscoa judaica. O irmão da minha mãe, o Richard, era um ateu declarado, casado com a elegante herdeira de um negócio de móveis de Topolčany, perto de Bratislava. Ela chamava-se Roszi. Tinha sido criada como ortodoxa e não suportava os modos assimilados dos Hahn, pelo que ia sempre passar os feriados religiosos à Checoslováquia.

Às vezes, os meus pais assustavam-me com um impulso arrebatado de consciência judaica. Por exemplo, uma vez comi uma sandes de morcela em casa de uma amiga. «Era deliciosa», relatei à minha mãe. Ela levou literalmente a mão à boca como se fosse vomitar. O seu horror sincero surpreendeu-me. Noutra ocasião, só para fazer conversa, perguntei ao meu pai se me poderia casar com um cristão. Com os olhos negros a faiscar, respondeu: «Não, Edith. Eu não suportaria. Seria a minha morte. A resposta é não.»

O meu pai achava que os judeus tinham de ser melhores do que as outras pessoas. Esperava que os nossos resultados escolares fossem melhores, que a nossa consciência social fosse mais apurada. Esperava que tivéssemos um comportamento mais distinto, roupas mais limpas, padrões morais imaculados.

Na altura, não pensava nisso, mas é claro que agora percebo que a insistência do meu pai para os judeus serem os melhores se baseava

no facto de no nosso país existir uma crença arreigada de que não éramos tão bons quanto os outros.

Os pais da minha mãe eram donos de uma casa térrea cinzenta estucada em Stockerau, uma cidadezinha aprazível a norte de Viena. Íamos lá aos fins de semana, aos feriados e aniversários. Era lá que vivia a Jultschi, a minha prima mais próxima.

Quando a Jultschi tinha nove anos, a mãe (Elvira, irmã da minha mãe) deixou-a em casa da minha avó, voltou para casa e suicidou-se.

O pai da Jultschi ficou em Viena. A Jultschi, porém (traumatizada pelo seu passado, sempre carente, assustadiça), ficou com os nossos avós, que a criaram como se fosse sua filha.

Jultschi era uma rapariga doce, volumosa, de cabelos castanhos, olhos castanhos, com lábios grossos e muito delineados, e tinha um grande coração (ao contrário da minha irmã Mimi), bem como um grande sentido de humor. Tocava piano, mal, mas suficientemente bem para o nosso clã sem ouvido para a música. Inventávamos óperas para acompanhar o seu matraquear bem-intencionado. Enquanto eu, a «intelectual», descobria uma paixão por romances góticos cheios de mistério e desejo, a Jultschi tornava-se viciada em filmes e música *swing*.

A avó Hahn (uma mulher baixa, anafada, forte e impositora de uma disciplina rígida) atribuía-nos tarefas caseiras e ia para o mercado. É claro que não fazíamos o que nos pedia e passávamos a tarde inteira a brincar. Assim que a avó nos avistávamos a descer a rua, entrávamos em casa à pressa pelas janelas e começávamos a trabalhar, de modo que nos encontrasse a limpar o pó e a varrer como crianças bem-comportadas. Tenho a certeza de que nunca a enganámos.

A avó parecia sempre ocupada a aumentar a riqueza do mundo, quer fosse a tricotar naperões de renda ou a ensinar a Jultschi a fazer pão *Stollen* ou a cuidar das suas galinhas e gansos, do cão (chamado *Mohrli*) e das centenas de plantas que tinha em vasos. Ela tinha todo o tipo de catos. Costumava avisar a minha mãe com antecedência: «Klothilde! Os catos irão florescer no domingo. Traz as crianças para ver.» E nós lá estaríamos no quintal em Stockerau, a admirar as resistentes flores do deserto, enquanto se debatiam para sobreviver no nosso país frio.

O avô Hahn, que tinha uma loja, vendia máquinas de costura e bicicletas, e era representante das motas *Puch*. A avó trabalhava com ele na loja ao domingo, que era o grande dia de compras para os agricultores da zona. Eles vinham da igreja, encontravam-se no *pub*, tomavam uma bebida matutina e iam fazer as compras da semana. Todos conheciam os meus avós. Os funcionários do Governo convidavam sempre os Hahn para se sentarem ao seu lado no Carnaval, a fim de assistirem à apresentação do programa de cada corporação de ofícios.

No aniversário do meu avô, o nosso trabalho era copiar um poema do *Wunschbuch* da minha mãe e recitá-lo em honra dele. Lembro-me de o ver sentado como um pequeno rei anafado a ouvir as nossas belas recitações, com os olhos a brilhar de orgulho. Lembro-me dos abraços dele.

Junto à casa dos meus avós, havia um afluente do Danúbio, onde a Jultschi e eu adorávamos ir nadar. Para chegar à água, tínhamos de atravessar uma ponte alta de madeira. Um dia, quando tinha sete anos, levantei-me antes do resto da família, corri pela ponte, escorreguei e caí em voo prolongado até à água. Vim à superfície, a gritar, histérica. Um jovem mergulhou e salvou-me.

Depois disso, ganhei terror às alturas. Não fui esquiar nos Alpes. Não subi ao topo de prédios altos para pendurar faixas com mensagens socialistas nas cúpulas. Tentei ficar perto do chão.

Em 1928, quando a inflação na Áustria era tão elevada, que o preço do almoço de um cliente duplicava enquanto ele o comia, o meu pai decidiu vender o restaurante.

Por sorte, não tardou a ir trabalhar para a família Kokisch, que já o empregara na Riviera. Tinham aberto um novo hotel em Badgastein, uma estância alpina famosa pelas suas termas medicinais. O meu pai geria o restaurante do hotel.

O Hotel Bristol estava situado no meio de prados verdejantes, no sopé de montanhas nevadas, onde regatos de águas medicinais jorravam pelas termas de mármore. As famílias ricas andavam pelos caminhos jardins e alimentavam os esquilos bojudos, sussurrando educadamente as suas conversas. Havia sempre uma menina rica qualquer (cujos pais achavam que tinha algum talento para tocar

piano ou cantar) a dar um concerto vespertino no coreto. Íamos lá visitar o pai todos os verões – que vida divinal.

Como era o único hotel *kosher* na zona, o Bristol atraía hóspedes judeus de todo o lado. A família Ochs, que era dona do *New York Times*, frequentava-o, bem como Sigmund Freud e o escritor Sholem Asch. Certo dia, foi lá almoçar um homem alto e louro, vestido com *lederhosen* e um chapéu tirolês com penacho de pelo de cabra-montesa. O meu pai achou que ele se devia ter enganado no sítio. Então, o homem tirou o chapéu, pôs um solidéu na cabeça e ergueu-se para fazer uma *brucha* ou bênção.

«Acho que nem os judeus conseguem perceber sempre quem é judeu», comentou o meu pai com uma gargalhada.

Em Badgastein, pela primeira vez, conhecemos rabinos da Polónia. Eram homens religiosos com belas barbas compridas que caminhavam lentamente pelos corredores do hotel com as mãos atrás das costas. Transmitiam-me uma sensação de mistério e paz. Creio que um deles me salvou a vida.

Eu tinha dezasseis anos, era pouco ponderada e desregrada. Fiquei demasiado tempo num dos banhos e apanhei uma constipação e febre. A minha mãe mandou-me para a cama, deu-me chá com mel e pôs-me compressas na testa e nos pulsos. Ao anoitecer, um dos rabinos polacos bateu-nos à porta. Disse que não tinha conseguido chegar à sinagoga a tempo das orações da noite e pediu se podia rezar em nossa casa. É claro que a minha mãe o recebeu. Quando terminou as suas orações, ela pediu-lhe se dizia uma bênção pela filha doente.

Ele abeirou-se da minha cama, inclinou-se sobre mim e acariciou-me a mão. O rosto dele irradiava calor e bondade. Disse alguma coisa em hebraico, uma língua que eu nunca esperei aprender. Depois saiu. E eu melhorei.

Anos mais tarde, em momentos em que achei que ia morrer, lembrei-me daquele homem e confortei-me com a ideia de que a sua bênção me protegeria.

É claro que alguns aspetos do trabalho naquele paraíso não eram assim tão maravilhosos, mas faziam parte da vida naquela altura e, para ser sincera, aceitávamo-los. Por exemplo, o abate *kosher* de animais não era permitido na província onde se situava o hotel. Assim, o *schoichet* tinha de abater os animais na província mais próxima e



transportá-los para o Bristol. Outro exemplo era o facto de a geração dos nossos avós ter vivido sempre nos arredores de Viena, em cidades como Floridsdorf ou Stockerau. Só na idade adulta dos nossos pais é que autorizaram os judeus a viver em Viena.

Assim, tínhamos todas as desvantagens de ser judeus num país antissemita, mas nenhuma das vantagens – a aprendizagem da Torá, as orações, a comunidade unida. Não falávamos iídiche nem hebraico. Não tínhamos fé em Deus. Não éramos *chasidim* polacos, nem estudiosos da *yeshiva* [escola de rabinos] lituanos. Não éramos americanos livres e destemidos. E, na altura, não havia israelitas nem soldados do deserto, nenhuma «nação como as outras nações». Lembre-se disso enquanto lê esta história.

O que tínhamos sobretudo era intelecto e estilo. A nossa cidade era a sofisticada *Rainha do Danúbio*, a *Viena Vermelha*, com segurança social e habitação social, onde génios como Freud, Herzl e Mahler amassaram o fermento das suas ideias – psicanálise, sionismo, socialismo, reforma, renovação –, acendendo luzes que iluminariam o mundo inteiro.

Pelo menos, nesse aspeto, da «luz para todas as nações», os meus judeus assimilados de Viena eram tão judeus quanto qualquer outra pessoa.